

TRIRRIENSE: CARIOCA OU MINEIRO? UM ESTUDO SOBRE A REALIZAÇÃO DO /S/ FINAL TRIRRIENSE: CARIOCA OR MINEIRO?

TRIRRIENSE: CARIOCA OR MINEIRO? A STUDY ABOUT THE PRONUNCIATION OF /S/ IN FINAL POSITION.

Daniela Samira da Cruz Barros¹
Mônica Maria Guimarães Savedra²

Resumo: Este trabalho pretende analisar uma marca do falar típico da cidade de Três Rios, no Rio de Janeiro, em comparação com os falares caracterizados como mineiro e carioca. Isso se justifica porque Três Rios se encontra numa região limítrofe entre os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Tentamos identificar o falar trirriense através de um estudo sobre a realização do /s/ final por acreditar que este é um aspecto marcante tanto no “carioquês” e no “mineirês”, como no falar trirriense. O /s/ trirriense é frequentemente identificado como marcadamente mineiro no Rio de Janeiro e como tipicamente carioca por falantes mineiros. Com base em pesquisa qualitativa e porque a cidade está numa posição intermediária geograficamente, acreditamos que Três Rios se encontra numa posição mediana no *continuum* linguístico que existe entre as capitais Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Na fala trirriense há marcas do falar carioca, que se justificam pela intrínseca relação entre uma cidade interiorana e sua capital; e mineiro, cujas marcas justificam-se pela proximidade entre Três Rios e muitas cidades de Minas Gerais, inclusive Juiz de Fora, que em muitos aspectos é tomada como capital pelos trirrienses por estar muito mais próxima que a cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: sociolinguística; *continuum* linguístico; fronteira linguística; línguas em contato.

Abstract: This work analyses the typical speech of the city of Três Rios in the State of Rio de Janeiro, comparing it to the accents characterized as being “mineiro” and “carioca”. This comparison is justified for Três Rios is a city on the border of the States of Rio de Janeiro and Minas Gerais. The typical speech of Três Rios is identified throughout a study about the pronunciation of the sound /s/ in final position for we believe this is a prominent sound in both “mineirês” and “carioquês”, and also in the typical speech of the people from Três Rios. The final /s/ produced by the people from Três Rios is often taken as a “mineiro” sound by the people from Rio de Janeiro. Also, the other way round, it is classified as “carioca” by the people from Minas Gerais. Based on the principles of a qualitative research, and considering the geographical position of Três Rios, we believe that this city occupies a middle position on a linguistic continuum which links the capitals of both states: Rio de Janeiro and Belo Horizonte. Thus, we may detect in the typical speech of Três Rios, traces of the “carioquês” accent which may be explained for the straight relation of an interior city and its capital. On the other hand, it has also traces of “mineirês” accent what can be explained for Três Rios is very close to many cities of Minas Gerais, mainly Juiz de Fora, which is a middle-sized city with a strong influence on everyday life of the people of Três Rios.

Key-words: Sociolinguistics, Linguistic Continuum, Linguistic border, Languages in contact.

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem (UFF), Mestre em Linguística (UFJF) e Professora Assistente de Língua Portuguesa da UFRRJ. Email para contato: danielasamira@globo.com.

² Doutora em Linguística (UFRJ) com PhD em Política Linguística (Universität Duisburg-Essen) e Professora Adjunta da UFF. Email para contato: msavedra@uol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O que caracteriza a variação dos falares nas regiões fronteiriças? Como podemos classificar aqueles falares que misturam marcas de regiões diferentes separadas por uma fronteira geográfica, por limites estaduais, estradas ou rios, por exemplo? As marcas de um falar certamente não desaparecem quando se cruza os limites de uma cidade, mas o que será que contribui para formar as marcas típicas de uma ou outra região? Fatos históricos? Os primeiros povos que habitaram a região? A formação da sociedade? Os povos que migram entre os estados, levando características de um para outro e vice-versa? Os interesses comerciais da região? Tudo isso ao mesmo tempo?

Este trabalho pretende analisar certas características do falar típico da cidade de Três Rios, que está localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, em comparação com os falares tipicamente mineiro e carioca, isso porque a cidade de Três Rios se encontra numa região limítrofe entre Rio de Janeiro e Minas Gerais: a cidade está a mais ou menos 120 km do Rio de Janeiro, capital, e a mais ou menos 60 km de Juiz de Fora, importante cidade da Zona da Mata mineira. Mais precisamente, tentaremos identificar a realização do /s/ final na fala trirriense, considerando que há muito, como falante trirriense que sou, percebemos que esta tem sido uma marca que me torna alvo de avaliações sociolinguísticas feitas tanto por cariocas como por mineiros, ainda que de maneira oposta, já que o /s/ final trirriense é reconhecidamente marcado como carioca pelos mineiros e como mineiro pelos cariocas.

Para tentar identificar os fenômenos que pudessem vir a justificar essa particularidade do falar trirriense, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, já que trabalhamos com a descrição do fenômeno, numa perspectiva etnográfica com perfil sociolinguístico a partir, principalmente, dos estudos de Denzin & Lincoln (1994). Também consideramos o enfoque teórico-metodológico de Labov (1972, 1982, 1994, 2001), e, termos recorrido ainda aos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), sobre mudança linguística e aos estudos de Couto (2009) acerca dos conceitos de ecolinguística, *continuum* linguístico e situações fronteiriças.

2. METODOLOGIA DE TRABALHO DE CAMPO

Este estudo é, na verdade, um pré-teste, uma tentativa de identificação de um problema que supomos existir, o qual será ampliado numa pesquisa maior de doutoramento. Para essa amostragem, optamos por criar um *corpus* próprio, já que não há estudos sobre o falar trirriense e os *corpora* que existem dos falares carioca e mineiro são de épocas diferentes e foram coletados de maneira divergente, não havendo como compará-los.

Assim, entrevistamos ao todo quinze informantes, cinco falantes de cada região a ser comparada, Rio de Janeiro – Três Rios – Belo Horizonte, todos estudantes de graduação, de quatro diferentes cursos, entre 18 e 25 anos. Optamos por analisar

neste pré-teste estudantes que vivessem na cidade de Três Rios, ainda que fossem do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte. Todos os informantes estudam na mesma universidade (*Campus* do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cuja sede está localizada em Seropédica). Sabemos que esse deslocamento poderia mascarar as marcas linguísticas, mas essa opção se justifica porque a cidade de Três Rios está vivendo um momento importantíssimo na sua história e, conseqüentemente, na história da sua língua – a inauguração de um *campus* universitário federal – o que está atraindo pessoas de diversas regiões para a cidade, principalmente pessoas do *continuum* linguístico que se forma entre as capitais Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Assim, acreditamos que a escolha que fizemos, por mais que possa parecer enviesar os resultados se mostrará eficiente não somente para nossa pesquisa, mas também para estudos futuros sobre o comportamento linguístico do falante trirriense depois da implementação de uma universidade federal na cidade.

Tomamos o cuidado de não revelar aos informantes o que efetivamente estava sendo observado, para que eles não pensassem no fator linguístico que pesquisávamos, aliás, o /s/ final é uma das grandes marcas linguísticas tanto em Belo Horizonte quanto no Rio de Janeiro e, para se afirmar como vindos dessa região, parece-nos que os informantes fazem questão de marcar essa realização. E os trirrienses conseguem identificar as marcas do “mineirês” e do “carioquês” facilmente. Mas esse mesmo trirriense é chamado de mineiro pelos cariocas e de carioca pelos mineiros nesse ambiente em que os três falares se misturam. O que queremos identificar é quais são as marcas da realização do /s/ final por cariocas, trirrienses e mineiros. Por que os trirrienses flutuam, digamos assim, entre os dois falares? Seria uma dupla identidade linguística? Ou a falta de uma identidade linguística?

Começamos nossa entrevista com uma leitura do jornal *Folha de São Paulo*, publicada em 29 de junho de 2011, no caderno Cotidiano C3, acerca de um plano de metas de atendimento do SUS recém-criado. A escolha desta leitura foi motivada pela repetição da sigla SUS inúmeras vezes, isso porque, a minha experiência como linguista e também como falante trirriense me mostrou que este tipo de sigla terminada com /vogal+s/ ou /a, e, u + s/ é um indicativo linguístico de região, ou seja, através de construções deste tipo, revelam-se marcas do falar mineiro e carioca, e, também, do falar trirriense, que ora pesquisamos.

A seguir, reportamos a manchete, o *lead* e o trecho da reportagem que foram lidos no início da entrevista por todos os informantes:

SUS TERÁ, PELA 1ª VEZ, METAS DE ATENDIMENTO

Será fixado, por exemplo, número de cirurgias; cidade que não cumprir indicadores pode até perder verba

LISTA DE SERVIÇOS SERÁ DIVULGADA PELA INTERNET

Os usuários do SUS passarão a ter acesso a informações sobre quais são os serviços de saúde oferecidos em cada região. As listas serão divulgadas pela internet e estarão disponíveis em hospitais e postos de saúde.

“Hoje, o usuário precisa ficar descobrindo se o SUS cobre um tipo de tratamento, indo de hospital a hospital. Com o novo sistema, tudo será público e de fácil acesso”, afirmou o ministro Alexandre Padilha (Saúde).

O novo serviço está sendo montado e deve estar pronto até o final do ano. Os usuários terão acesso também pela internet a uma nova lista de medicamentos oferecidos pelo SUS.

O ministério começou ainda a mapear os serviços de saúde em todo o país para definir as metas dos futuros contratos de gestão.

(Folha de São Paulo, 29 de junho de 2011).

Depois dessa leitura, foram feitas algumas perguntas aos informantes, de modo que os obrigassem a falar de forma mais espontânea, opinando sobre o texto lido e depois respondendo a questões de cunho pessoal. As entrevistas foram realizadas começando-se com a leitura do trecho de manchete da Folha de São Paulo, seguida das seguintes questões: 1. Você acha que essa medida (plano de metas de atendimento) funcionará? E a publicação de listas de serviços na internet, vai ajudar? 2. Como é o atendimento do SUS na sua cidade? 3. Você conhece alguém que já correu riscos por depender do serviço precário do SUS? 4. Você já correu risco de morte? Já sofreu algum acidente? Conte. 5. Você está satisfeito com seu curso de graduação? Comente.

3. CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já foi mencionado, a pesquisa sobre o falar trirriense é um pré-teste para uma tese de doutorado e leva em conta a realização do /s/ em final de sílaba/palavra no falar do trirriense em oposição aos falares carioca e mineiro. Entretanto, segundo Gomes e Souza (2010), o fato de podermos identificar pronúncias diferentes de uma mesma palavra em diversas regiões do Brasil não é evidência de que temos uma variável linguística, a qual tem de estar circunscrita numa mesma comunidade de fala e trata de mais de uma realização fonética possível dentro de um mesmo ambiente. Segundo Tarallo (2003), “*variantes linguísticas* são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*”. Ou seja, dentre os falantes cariocas, por exemplo, podemos encontrar variantes linguísticas com relação à realização do /s/ final (/s/ ou / /, por exemplo³), mas, se compararmos essa realização na comunidade linguística carioca com a realização do mesmo fonema na comunidade linguística mineira, não estaremos tratando necessariamente de uma variável linguística porque estamos comparando diferentes comunidades de fala.

Deste modo, estamos trabalhando com variantes linguísticas, cuja realização está correlacionada a condicionamentos linguísticos e não-linguísticos, de acordo com Gomes e Souza (2010). Se levarmos em conta que estamos analisando falas de

³ Neste caso, temos alofones em variação. Os fonemas /s/ e / / estão em distribuição complementar, as formas fonéticas associadas a um mesmo fonema possuem contextos fonético-fonológicos exclusivos de ocorrência (GOMES e SOUZA, 2010).

informantes de mesma faixa etária e mesmo grau de escolaridade, sem levar em consideração os estratos sociais a que pertencem, podemos dizer que vamos observar a variação a partir do eixo diatópico que, segundo Mollica e Braga (2010), abrange as alternâncias que se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos. Entretanto, por mais que não consideremos os estratos sociais, ainda assim, gostaria de observar o eixo diastrático também, já que, para isso, devemos considerar as fronteiras sociais e, com estas, sim, acreditamos que trabalhamos porque nos parece que não são as fronteiras geográficas que marcam os limites das comunidades linguísticas, na verdade são as fronteiras sociais, não no que diz respeito à classe social, mas às sociedades distintas, com hábitos distintos, com histórias, costumes e interesses diferentes.

Adotando a postura de Mollica e Braga (2010), concebemos, então, uma ecologia linguística do ponto de vista horizontal com a constituição de comunidades geográficas com base em marcadores regionais; e do ponto de vista vertical, com a geração de padrões por meio de indicadores sociais. A partir daí, ampliamos esse conceito e tratamos de ecolinguística, que, segundo Couto (2009), é definida como o estudo das relações da língua com sua ecologia, a partir do triângulo interativo língua/território/população.

Couto (2009) trata ainda do conceito de contato de línguas. Em nosso caso, estamos tratando de diferentes realizações da mesma língua portuguesa, entretanto, observamos que alguns fatores enumerados por Couto nos servem para explicar o que possivelmente aconteceu na formação do falar trirriense, quais sejam: (i) quantidade de pessoas que se deslocam de um lugar a outro; (ii) o tempo de permanência no novo território; (iii) intensidade do contato; (iv) poder econômico de cada um dos lados; por exemplo.

Dizemos, então, que o conjunto dessas características levadas em conta numa análise linguística nos permite traçar o que denominamos *continuum* linguístico, ou seja, as fronteiras geográficas não demarcam as variantes linguísticas porque elas ocorrem num movimento de continuidade, gradativamente alguns traços vão sendo incorporados e outros vão sendo descartados.

4. ANÁLISE DE DADOS

Vamos transcrever aqui trechos de algumas das quinze entrevistas que foram realizadas a partir da perspectiva laboviana adotada por Tarallo (2003), segundo a qual, o pesquisador da área de sociolinguística precisa participar diretamente da interação, pois sentirá a necessidade de controlar tópicos de conversa e de eliciar realizações da variável/variante linguística em que esteja interessado. Por isso, as entrevistas foram feitas pelo próprio pesquisador, considerando-se o paradoxo do observador, noção apresentada por Labov e reportada por Tarallo (2003). Na transcrição, marcamos apenas o fonema que estamos estudando e sua alofonia, o /s/, nas diversas realizações observadas: /s/, /is/, /i / ou / /. Vale ressaltar aqui que a

presença do fonema /i/ se justifica por ser uma variação que acompanha o /s/ em final de sílaba em alguns casos e que a palatal será marcada com / /, conforme alfabeto fonético universal.

Vamos começar a ilustrar com as entrevistas dos falantes cariocas, já que nosso *continuum* linguístico é traçado a partir da capital do estado onde se localiza a cidade de Três Rios, o Rio de Janeiro. Nessas entrevistas, encontramos o que já era esperado e é facilmente reconhecido pela maioria dos falantes brasileiros, o chamado “chiado” carioca na realização do /s/ final. Vejamos:

Falantes do Rio de Janeiro

Leitura do trecho de jornal

Informante 2: SU/i / terá pela primeira ve/i / meta de atendimento. Li ta de serviço será divulgada pela internet. Os usuário do SU/i / passarão a ter acesso a informações sobre quai são os serviços de saúde oferecidos em cada região. A lista serão divulgada pela internet e estarão disponíveis em ho pitais e po to de saúde. Hoje o usuário precisa ficar de cobrindo se o SU/i / cobre um tipo de atendimento indo de ho pital a ho pital. Com o novo si tema tudo será público e de fácil acesso, afirmou o mini tro Alexandre Padilha Padilha, saúde. O novo serviço e tá sendo montado e deve e tar pronto até o final do ano. Os usuário terão acesso também pela internet a uma nova li ta de medicamentos oferecido pelo SU/i /. O mini tério começou ainda a mapear os serviços de saúde em todo o paí para definir a meta dos furo contrato de ge tão, futuro contrato de ge tão.

Informante 7: SU/i / terá pela primeira ve/i / meta de atendimento. Será fixado, por exemplo, número de cirurgia . Cidade que não cumprirem indicadore poderá até perder verba. Haverá meta regionais e municípios, e estado mais eficiente poderão ganhar mai recurso do governo federal. Li ta de serviços será divulgada pela internet. Os usuário do SU/i / passarão a ter acesso a informações sobre quai são os serviços de saúde oferecidos em cada região. A li ta serão divulgada pela internet e e tarão disponíveis em ho pitais e po to de saúde, hoje os usuário ... o usuário precisa ficar descobrindo se o SU/i / cobre um tipo de tratamento indo de hospital a hospital. Com o novo si tema, tudo será público e de fácil acesso, afirmou o ministro Alexandre Padilha, saúde. O novo serviço e tá sendo montado e deve e tar pronto até o final do ano. Os usuário terão acesso também pela internet a uma nova li ta de medicamentos oferecido pelo SU/i /. O mini tério começou ainda a mapear os serviço de saúde em todo o paí para definir a meta do futuro contrato de de ge tão.

O “chiado” carioca é bastante visível, não somente porque os falantes cariocas repetem continuamente, mas também porque o símbolo que o identifica se destaca das letras. Além do “chiado” do /s/ final, que marcamos com / /, podemos verificar a inserção do fonema /i/ em construções /e+s/ ou /u+s/, como atestamos nas pronúncias de *vez* /vei / e *SUS* / sui /, por exemplo.

Para compararmos como os falantes das três regiões pesquisadas fizeram a leitura e realização o /s/ final, abaixo temos o *corpus* de Três Rios. Na fala do trirriense não encontramos o “chiado” carioca, mas há a manutenção do /i/ que o carioca insere antes do / /, ou seja, o trirriense mantém a ditongação do carioca nesses tipos de construção. Observe:

Falantes de Três Rios

Leitura do trecho de jornal

Informante 4: SU/is/ terá pela primeira ve/is/ metas de atendimento, metas de atendimento. Será fixado, por exemplo, o número de cirurgias. Cidades que não cumprir indicadores poderá até perder verba. Lista de serviços será divulgada pela internet. Os usuários do SU/is/ passarão a ter acesso a informações sobre quais são os serviços de saúde oferecidos em cada região. As listas, listas serão divulgadas pela internet e esta, e estarão disponíveis em hospitais e postos de saúde, hoje o usuário precisa ficar descobrindo se o SU/s/ cobre um tipo de tratamento indo de hospital a hospital. Como o no, com o novo sistema tudo terá, tudo será público e fácil, e de fácil acesso afirmou o ministro Alexandre Padilha, saúde. O novo serviço se, está sendo montado e deve estar pronto até o final do ano. Os usuários terão acesso também pela internet a uma nova lista de medicamentos oferecidos pelo SU/is/. (O mini) O ministério começou ainda a mapear os serviços de saúde em todo o país para definir as metas do futu, dos futuros, dos fruto, futuros (con) contratos de gestão.

Informante 6: SU/is/ terá pela primeira ve/is/ metas de atendimento. Será fixado, por exemplo, número de cirurgias. Cidades que não cumprir indicadores pode até perder verba. Haverá metas regionais e municípios, e estados mais eficientes poderão ganhar mais recursos do governo federal. Lista de serviços será divulgada pela internet. Os usuários do SU/is/ passarão a ter acesso a informações sobre quais são os serviços de saúde oferecidos em cada região. As listas serão divulgadas pela internet e estarão disponíveis em hospitais e postos de saúde, hoje o usuário precisa ficar descobrindo se o SU/is/ cobre um tipo de tratamento indo de hospital a hospital. Com o novo sistema tudo será público e de fácil acesso afirmou o ministro Alexandre Padilha. O novo serviço está sendo montado e deve estar pronto até o final do ano. Os usuários terão acesso também pela internet a uma nova lista de medicamentos oferecidos pelo SU/is/. O ministério começou ainda a mapear os serviços de saúde em todo o país para definir as metas dos futuros contratos de gestão.

Para fechar nosso comparativo, exemplos de leituras dos informantes mineiros, vindos de Belo Horizonte.

Falantes mineiros (Belo Horizonte)

Leitura do trecho de jornal

Informante 3: SU/s/ terá pela primeira ve/s/ metas (de aten) de atendimento. Lista de serviços será divulgada pela internet. Os usuários do SU/s/ passarão a ter acesso a informações sobre quais são os serviços de saúde oferecidos em cada região. As listas serão divulgadas pela internet e estarão disponíveis em hospitais e postos de saúde, hoje o usuário precisa ficar descobrindo se o SU/s/ cobre um tipo de tratamento indo de hospital a hospital. Com o novo sistema tudo será público e de fácil acesso afirmou o ministro Alexandre Padilha, da saúde. O novo serviço está sendo montado e deve estar pronto até o final do ano. Os usuários terão acesso também pela internet a uma nova lista de medicamentos oferecidos pelo SU/s/. O ministério começou ainda a mapear os serviços de saúde em todo o país para definir as metas (futuro) dos futuros contratos da de gestão.

Informante 12: SU/s/ terá pela primeira ve/s/ metas de atendimento. Será fixado, por exemplo, número de cirurgias. Cidades que não atingir indicador poderá perder verbas. Haverá metas regionais e municípios e estados mais eficientes poderão ganhar mais recursos do governo federal. Lista de serviços será divulgada pela internet. Os usuários do SU/s/ passarão a ter acesso a informações sobre quais são os serviços de saúde oferecidos em cada região. As listas serão divulgadas pela internet e estarão disponíveis em hospitais e postos de saúde, hoje o usuário precisa ficar descobrindo se o SU/s/ cobre um tipo de tratamento indo de hospital a hospital. Com o novo sistema tudo será público e de fácil acesso afirmou o ministro Alexandre Padilha, saúde. O novo serviço está sendo montado e deve estar pronto até o final do ano. Os usuários terão acesso também pela internet a uma nova lista de medicamentos oferecidos pelo SU/s/. O ministério começou ainda a mapear os serviços de saúde em todo o país para definir as metas dos futuros contratos de gestão.

O falante tipicamente mineiro, como esperado, realiza o /s/ como fonema [fricativo, alveolar, desvozeado]⁴, contrastando diretamente com o palatal / / do “chiado” carioca, ou seja, o fonema [fricativo, alveopalatal, desvozeado], além disso, o mineiro da região de Belo Horizonte também não insere o /i/ antes do /s/ em construções /a+s/, /e+s/ ou /u+s/, como acontece com o falante trirriense num processo de ditongação diante de sibilante.

Abaixo apresentamos uma tabela com o número de realizações de cada fonema na pronúncia da sigla SUS nos trechos de entrevista citados acima, ou seja, leitura do trecho de jornal feita por seis dos quinze informantes entrevistados, fizemos aqui um recorte do *corpus*, evidenciando apenas dois informantes de cada região estudada. Além disso, contabilizamos também o número de inserções do /i/. Assim a tabela ilustra um total de 06 informantes, a sigla SUS aparece 04 vezes para cada um dos informantes, totalizando 24 aparições da sigla SUS, 08 para cada região.

	/s/	/ /	/i/
Rio de Janeiro	00	08	08
Três Rios	08	00	07
Belo Horizonte	08	00	00

Tabela 1. A realização do /s/, seu alofone / / e a inserção do /i/ na sigla SUS na fala de dois informantes trirrienses, dois cariocas e dois mineiros de Belo Horizonte.

A partir dessa tabela, notamos que (1) a fala carioca se caracteriza pela realização do / / em lugar do /s/ final e pela inserção do /i/ antes do fonema alveopalatal / /, no ambiente /u + s/. Mais adiante, vamos notar que o mesmo pode se aplicar com as vogais /a, e/, como em *faz* /fai / e *vez* /vei /; (2) a fala do mineiro de Belo Horizonte se caracteriza pela realização do /s/ [fricativo, alveolar, desvozeado], sem variação e sem a inserção do /i/ em nenhum ambiente; e (3) a fala do trirriense mescla características dos falares carioca – inserindo o /i/ antes da

⁴ A classificação aqui utilizada está de acordo com o alfabeto internacional de fonética in SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

sibilante - e mineiro - realizando o /s/ como [fricativo, alveolar, desvozeado] em oposição ao fonema alveopalatal / / do carioca.

Para confirmarmos a leitura que fizemos dos dados e verificarmos se as características realmente ilustram marcas dos falares das regiões estudadas, além do trecho de jornal lido pelos informantes analisados acima, destacamos ainda outros trechos das entrevistas, dessa vez de fala espontânea. Nos trechos a seguir, reportamos as respostas dos informantes às perguntas feitas pelo entrevistador numa tentativa de alcançar maior espontaneidade no uso da língua informal, procurando verificar a manutenção das características que identificamos na leitura do trecho de jornal.

Recortamos trechos de entrevistas dos dois informantes de cada variante linguística já citados na leitura do texto do SUS e mais um informante de cada região, ou seja, um total de três trirrienses (TR), três mineiros (BH) e três cariocas (RJ), identificados com as siglas de suas cidades e nomeados através de número. Vale ressaltar que os trechos foram recortados do total de 15 informantes entrevistados, optamos por escolher os mesmos seis informantes anteriormente citados para possibilitar uma comparação metodológica e mais um informante de cada região para ampliar o número de palavras analisadas, as quais estão marcadas com sublinhado e os fonemas vêm entre barras para facilitar a visualização.

Informante 2 (RJ): Não. Assim, era uma das alternativa] né. Mais nunca foi aaaaah o que eu quero. Eu sempre quis ou História ou Música, só que sempre tem aquela coisa de pai e mãe que ficam aaah não, não fa/i/, não vai ganhar dinheiro. Aí acabou que eu, que eu to fazendo Direito. Eu acho complicado falar agora porque tá no início, eu não tenho tanta matéria de Direito ainda, o que eu tenho, eu até go]to esse período que tenho: Direito Civil, Direito Penal, Direito do Consumidor,... eu go]to; agora tem a sociologiazinha que complica um pouco. Mas eu...

Informante 7 (RJ): Maior problema de Trê/i / Rio ? Oh! Xô ver...aaa...Po tem hora] que parece que a cidade morre. Foi o que? Foi sábado! Sábado eu fique na casa de uns amigo], ai cheguei em casa era meia noite e pouca, não foi se/i/ta (sexta-feira). Falei vou procurar algo pra fazer, sozinho, cara a cidade tava morta, não tinha nada na cidade.

Informante 10 (RJ): Não, só uma ve/i / que eu peguei rubéola e a minha imunidade ficou muito baixa e minha plaqueta ficaram muito baixa , ma/i / não ri co de morte né, mais eu fiquei muito preocupada de acontecer alguma coisa mais séria, que eu cheguei a de maiair e tudo em casa, tive que correr pro hospital, fazer exame de sangue ma/i / morte não.

Informante 4 (TR): Porque pra mim não dá pra sair de Trê/is/ Rios, eu não tenho condições de fazer faculdade em outro lugar, então o curso que se, mais parecido com o que eu gosto é o de Gestão.

Informante 6 (TR): Aí tem que ser acompanhado de um outro programa, no caso, agora até tá vindo o PNBL (Plano Nacional da Banda Larga). Aí são coisas que devem vir juntas uma da outra. Talve/is/ sim, talve/is/ não. Só o tempo vai dizer isso mesmo.

Informante 8 (TR): Não, não, num são problemas, são as vezes você sempre fica pensando na escolha que você não fe/is/. Iii...Pra mim, eu gosto muito da área militar, não morre de amores,

mas gosto muito da área militar. Iii...Eu fico assim pensado: Pô mais seu eu fosse por lá, eu não sei quais seriam as opções que eu ia ter lá como eu to tendo aqui, eu to muito feliz aqui no curso

Informante 1 (BH): Fa/s/, mas no frio aqui do ano passado nossa, senti muito frio, muito. Ano passado, gente! Aí o pessoal aqui de Trê/s/ Rios disse que não era normal, né.

Informante 3 (BH): Talve/s/, tem que pensar positivo. É...

Informante 12 (BH): Informante: A... de certa forma vai, porque pela inclusão digital assim, muitas pessoas tem...Já conhecem, acessam e tudo, por um lado sim, mas realmente quem frequenta o SU/s/, tem dificuldade financeira e tudo é mais complicado. Eu acho que, se for pra poder ser assim, eu acho que é válido.

Rio de Janeiro	Três Rios	Belo Horizonte
fa/i /	-	fa/s/
tre/i /	tre/is/	-
se/i /ta	talve/is/	talve/s/
ve/i /	fe/is/	SU/s/

Tabela 2. Realização do /s/ final em fala espontânea no Rio de Janeiro, Três Rios e Belo Horizonte.

Como podemos perceber, as características são mantidas em dados de fala espontânea, ou seja, no Rio de Janeiro, o /s/ se realiza prioritariamente como o fonema alveopalatal / / antecedido de /i/ em alguns ambientes como /a+s/, /e+s/ ou /u+s/. Dizemos prioritariamente porque em alguns casos isso não acontece, normalmente quando o /s/ é sucedido por palavra que começa por vogal, o que acaba por transformar o /s/ em /z/ num processo de sonorização do fonema desvozeado intervocálico.

Os falantes de Três Rios, por sua vez, realizam o /s/ final como /s/ [fricativo, alveolar, desvozeado] mesmo, raríssimas vezes encontramos o /s/ sendo realizado como / / na fala do trirriense, o que nem chega a ser significativo. Se, por um lado, os falantes de Três Rios se afastam da fala da capital do estado e se aproximam da fala mineira no que diz respeito à realização do /s/ final, por outro lado, eles mantêm a inserção do /i/, num processo de ditongação diante de sibilante, nos mesmos ambientes em que os cariocas, característica que não se observa na fala de Belo Horizonte.

5. HIPÓTESES CONCLUSIVAS

As marcas de um falar certamente não desaparecem quando se cruza os limites de uma cidade, as características dos falares das regiões fronteiriças vão se entrelaçando e formando novos falares intermediários.

Conforme esclarecemos anteriormente, estamos trabalhando com variantes linguísticas, cuja realização está correlacionada a condicionamentos linguísticos e não-

linguísticos, de acordo com Gomes e Souza (2010), já que estamos comparando as possíveis formas de realização do fonema /s/ [fricativo, alveolar, desvozeado] em comunidades de fala diferentes. Essa variação foi observada considerando-se o eixo diatópico, que abrange as alternâncias que se expressam regionalmente, a partir dos limites físico-geográficos; e, o eixo diastrático, que considera as fronteiras sociais como reais responsáveis pelas diferenças entre as sociedades distintas, com hábitos distintos, com histórias, costumes e interesses diferentes, sendo as fronteiras geográficas apenas ilustrativas.

Assim, de acordo com o conceito de Mollica e Braga (2010), observamos que o *continuum* linguístico que se forma entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte, passando por Três Rios, se justifica através da constituição de comunidades geográficas com base em marcadores regionais, do ponto de vista horizontal, e não com a marcação das fronteiras físicas que delimitam os estados e municípios. Chegamos a essa conclusão por vários motivos, que nos fazem considerar a noção de ecologia linguística (MOLLICA & BRAGA, 2010) ou ecolinguística (COUTO, 2009), que é o estudo da língua com sua ecologia a partir do triângulo interativo língua/território/população.

Se compararmos a distância entre Três Rios e as capitais Rio de Janeiro e Belo Horizonte, vamos concluir que o Rio é muito mais perto. Entretanto, o cotidiano trirriense é muito influenciado pela cultura e sociedade mineiras, principalmente se considerarmos que o Rio de Janeiro está a mais ou menos 120 km e Juiz de Fora, que apesar de não ser uma capital é uma cidade de grande porte e oferece atrativos de metrópole, está a menos de 60 km de Três Rios. Essa proximidade faz com que a população trirriense migre facilmente para Juiz de Fora, seja para cursar Universidade (UFJF ou faculdades particulares), seja para trabalhar ou fazer tratamentos de saúde, compras ou, simplesmente, para se divertir. É muito mais fácil, rápido e barato ir a Juiz de Fora do que ir à capital carioca.

Apontamos a hipótese da existência de um *continuum* linguístico entre Rio de Janeiro – Belo Horizonte para explicar uma das características do falar trirriense, por conta da gradação na realização do /s/, qual seja: /i / > /is/ > /s/. As fronteiras geográficas não demarcam as variantes linguísticas porque elas ocorrem num movimento de continuidade, gradativamente alguns traços vão sendo incorporados e outros vão sendo descartados. E também concluímos, retomando Couto (2009), que o conceito de contato de línguas é fundamental para explicarmos essa variação. A quantidade de pessoas que se desloca é muito maior entre Três Rios e Minas Gerais do que entre Três Rios e Rio de Janeiro, como já explicamos, há um intenso contato entre trirrienses e mineiros.

Assim, parece-nos que trirrienses são chamados de cariocas pelos mineiros e de mineiros pelos cariocas porque seu falar se encontra numa posição mediana no *continuum* linguístico que existe entre as capitais Rio de Janeiro e Belo Horizonte, ou seja, na fala trirriense há marcas de ambos os falares, carioca e mineiro. As marcas do “carioquês” – como a ditongação diante de sibilante – parecem se justificar pela intrínseca relação entre uma cidade interiorana e sua capital; e as marcas do “mineirês”

- como a manutenção da fricativa alveolar desvozeada /s/- parece se justificar pela intensa interação que há entre a população trirriense e seus vizinhos mineiros.

Este trabalho é apenas um pré-teste, uma amostragem do problema que será mais amplamente investigado e explicado numa tese de doutoramento, assim, levantamos hipóteses considerando vários fatores, mas não chegamos às conclusões finais de uma pesquisa qualitativa que ainda está em fase de desenvolvimento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- COUTO, H. H. *Linguística, Ecologia e Ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GOMES, C. A. & SOUZA, C. N. R. Variáveis fonológicas. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vols. 1 e 2. Malden/Mass. Blackwell, 2001.
- MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.
- SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.
- WEINREICH, U., LABOV, W. HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.